

SOBRE O “PRIVILÉGIO DOS PRIMOGÊNITOS” E AS DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE IRMÃOS

Eduardo Vilar **Bonaldi** – DS/FFLCH/USP

Agência Financiadora: FAPESP

Resumo

Meu texto aborda as diferenças de trajetórias educacionais entre irmãos, elaborando esta questão a partir da análise de duas fratrias.

A literatura sobre o tema constata as recorrentes vantagens educacionais associadas à primogenitura, já meu texto busca evidenciar como a custódia de irmãos por diferentes membros da família estendida e o divórcio dos pais pode atuar na ampliação ou na reversão dessas vantagens.

Meu trabalho também contribui com a literatura da área ao demonstrar como os vereditos escolares sobre os irmãos são apreendidos pelos pais na condição de expectativas diferenciais sobre o desempenho escolar e o ingresso de seus filhos no mundo do trabalho, operando na condição de “profecias autorrealizáveis” que reforçam diferentes padrões comportamentais e trajetórias educacionais na fratria.

Por fim, o texto explora, igualmente, como estas diferentes trajetórias e padrões comportamentais desdobram-se em diferentes estilos de vida, modos de apresentação de si e redes de sociabilidade próprias a esses irmãos no universo juvenil das camadas populares.

Palavras-chave: socialização, família, trajetórias educacionais, juventude, camadas populares.

SOBRE O “PRIVILÉGIO DOS PRIMOGÊNITOS” E AS DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE IRMÃOS

Introdução

Neste texto, abordo uma temática pouco enfrentada pela literatura nacional e internacional no campo da sociologia da educação: as diferenças de trajetórias escolares e sociais observáveis entre irmãos socializados nos mesmos contextos familiares.

Abordarei esta questão a partir dos casos de dois contextos familiares, selecionados a partir da amostra de entrevistados referente à minha pesquisa de doutorado sobre jovens em um cursinho popular na cidade de São Paulo.

Tendo entrevistado os dois garotos que participavam do cursinho popular, seus irmãos e, igualmente, as mães dos meninos, tornar-se-á possível reconstituir, segundo a proposta avançada por Lahire (1997), as mais finas e minuciosas especificidades e diferenças entre as dinâmicas de socialização a que esses garotos foram expostos no intuito de aclarar as razões pelas quais as trajetórias desses irmãos — socializados com referência ao mesmo contexto familiar e tendo entre si apenas uma pequena diferença de idade — evidenciam claras dissonâncias.

Como veremos, a análise desses casos desnuda os riscos representados pela essencialização de relações causais identificadas através da análise quantitativa, ao mesmo tempo em que demonstra como, em meio à heterogeneidade e plasticidade dos arranjos familiares observáveis nas camadas populares, a posição de primogênito pode ou não acarretar vantagens educacionais no seio da fratria.

Ademais, o texto explora as interações entre o veredito escolar e as expectativas parentais para a conformação das trajetórias educacionais de irmãos e, por fim, como tais trajetórias desdobram-se em formas distintas de estilização da experiência juvenil desses garotos e garotas pertencentes às camadas populares.

Desigualdades educacionais entre irmãos

Além de sua interessante tese sobre os determinantes sociodemográficos pertinentes à escolarização de filhos nas camadas médias (Gloria, 2007), D.M. Gloria também empreendeu uma competente revisão da literatura sobre desigualdades educacionais entre irmãos (2005).

Nesta revisão, a autora constata que as diferenças de gênero correspondem a uma clivagem recorrentemente apontada como indutora de desigualdades educacionais no seio das fratrias.

Tendo em vista o engajamento comumente maior das mães no contato com a escola e no acompanhamento da escolarização dos filhos, ao menos nas camadas

populares, Lahire chama nossa atenção (1997, p. 346) para a necessidade de “reconhecer as diferenças sexuais como diferenças plenamente sociais que entram em jogo na compreensão dos matizes de percurso escolar no seio de uma mesma fratria”.

Terrail (1992), assim como Jarousse e Duru-Bellat (1996), tornam mais complexa a compreensão do efeito potencialmente diferenciador do gênero entre irmãos ao apontar que a variável “atividade da mãe” intervém positivamente na elevação da frequência de atividades culturais e esportivas praticadas pelas filhas. Assim, estes autores argumentam que, entre as mães menos escolarizadas e menos ativas no mercado de trabalho, os filhos tendem a ser privilegiados com relação aos aspectos acima referidos em detrimento das filhas que, deste modo, tendem à reprodução da trajetória materna nestes casos específicos.

Ademais, a literatura sobre o tema também atribui alto valor explicativo à posição do filho na sequência de nascimento da fratria para a compreensão das eventuais desigualdades entre irmãos.

Em seus estudos demográficos sobre diferentes gerações de adultos franceses na primeira metade do século XX, G. Desplanques (1981) constata que os primogênitos (independentemente do gênero) apresentavam, em média, trajetórias escolares mais longas e movimentos ascensionais mais fortes na escala ocupacional. O autor sugere três hipóteses que poderiam explicar tal constatação: A-) durante um período determinado de tempo, o primogênito experimenta a situação de ser filho único, sendo objeto do investimento de maiores recursos e de maior atenção pelos seus pais; B-) em geral, os pais depositariam maiores expectativas de realização escolar e ocupacional em seus primeiros filhos e C-) os primogênitos possuem pais mais jovens e, logo, mais aptos ao acompanhamento escolar, uma vez que estes encontrar-se-iam menos distantes de sua própria experiência escolar.

Não obstante, devemos recordar que, ao isolar relações de causalidade, controlando estatisticamente as variações dos demais fatores pertinentes, a análise quantitativa incorre constantemente no risco de substancializar efeitos causais, ignorando, portanto, a diversidade dos possíveis contextos de interação entre os múltiplos fatores pertinentes à questão investigada, bem como a variedade de seus possíveis resultados (Becker, 1998, p. 146-214).

Neste sentido, algumas referências da literatura sobre o tema demarcam como contextos específicos podem anular ou, até mesmo, reverter esse relevante, embora jamais universal, privilégio associado aos primogênitos.

Embora Laurens (1992) também constate, através de dados quantitativos, que os primogênitos são dotados de vantagens em todas as camadas sociais, o autor registra casos de famílias operárias em que é, entre os irmãos, justamente o primogênito quem experimenta uma trajetória escolar bloqueada pela necessidade de se engajar precocemente no mundo do trabalho para, deste modo, complementar o sustento da unidade familiar.

Com relação ao contexto brasileiro, Romanelli (2003) segue um curso semelhante ao argumentar que, nas famílias expostas a processos de mobilidade ascendente, a escolarização dos filhos mais novos pode se beneficiar das condições socioeconômicas mais favoráveis adquiridas por este movimento.

Deste modo, apoiando-me na proposta de reconstituir minuciosamente o contexto das relações familiares de interdependência moral, material, cultural e afetiva avançada por Lahire (1997), meu trabalho busca oferecer subsídios para a reflexão acerca dos condicionantes da socialização familiar que podem anular ou ampliar o recorrentemente apontado privilégio dos primogênitos, evitando, deste modo, sua essencialização enquanto fator causal universalmente operante.

Neste sentido, um dos casos aqui trabalhados evidenciará que a custódia de irmãos por diferentes membros da família estendida — uma forma de negociação dos papéis e responsabilidades familiares vinculada ao enfrentamento de períodos de instabilidade financeira ou de dificuldades de moradia nas camadas populares brasileiras — pode ser um dos fatores de indução de desigualdades educacionais entre irmãos que anulam o privilégio dos primogênitos.

O segundo caso demonstra, por sua vez, que o divórcio dos pais também pode engendrar dinâmicas de socialização familiar distintas entre os irmãos, ainda que, no caso analisado, tais dinâmicas parecem ter favorecido o privilégio dos primogênitos.

Minha análise também buscará evidenciar que os diferentes vereditos sobre os irmãos, projetados pela instituição escolar, tendem a operar enquanto “profecias autorrealizáveis”, sendo apreendidos pelos pais (e pelos próprios filhos) na condição de

expectativas diferenciais sobre o desempenho escolar e sobre o ingresso dos irmãos no mundo do trabalho.

Anelize e seus filhos Carina, Eraldo e Vitor

Aos seis anos de idade, Anelize (38 anos) perdia o pai (funcionário público, cujo cargo ela não soube especificar): este fato lançou a família em uma situação de profunda instabilidade, uma vez que sua mãe (dona de casa) não teve, como Anelize relata, “cabeça” para assumir o papel antes desempenhado pelo pai no grupo familiar.

Aos 13 anos, Anelize viu-se obrigada a abandonar a escola para trabalhar em tempo integral. A mulher localiza a incapacidade provedora da mãe como responsável por suas limitadas credenciais escolares (médio incompleto através de curso supletivo), bem como pela precariedade e instabilidade que experimenta no mercado de trabalho: sua trajetória ocupacional é caracterizada pela informalidade de vínculos empregatícios assumidos em ocupações manuais não qualificadas, caracterizadas por uma clara modulação de gênero. Deste modo, a mãe dos garotos já exerceu as funções de empregada doméstica, costureira e vendedora em lojas do centro da cidade.

Anelize busca deliberadamente orientar a criação dos filhos no sentido de reverter o que ela denomina como “pobreza não só material, mas mental” de sua mãe que, segundo ela, teria engendrado as difíceis condições de vida enfrentadas por Anelize desde a adolescência.

Neste sentido, ela busca inculcar em seus filhos o valor do estudo e a estigmatização da gravidez precoce que teria prejudicado sua própria trajetória educacional e ocupacional: Anelize teve a primeira filha, Carina, aos 18 anos de idade.

Após Carina (20 anos), vieram Eraldo (18 anos) e Vitor (16), uma menina um pouco mais jovem do que Vitor e mais duas crianças.

A chave para começar a compreender as diferenças entre as trajetórias desses três primeiros irmãos encontra-se no fato de que um dos agenciamentos a partir do qual Anelize buscou contornar suas recorrentes dificuldades financeiras referiu-se justamente à delegação da custódia da filha mais velha (Carina, 20 anos) e de Vitor (o terceiro dos

seis filhos, 16 anos) à sua mãe durante longos períodos de tempo, ou seja, justamente à pessoa que ela aponta como culpada por essas dificuldades.

Deste modo, se o segundo filho mais velho, Eraldo, permaneceu residindo junto à mãe até os 18 anos, Carina sempre morou com a avó e Vitor também esteve sob a guarda da mãe de Anelize durante longos períodos de sua infância. Por consequência, Carina e Vítor não foram expostos — ao menos não na mesma intensidade que Eraldo — à ação socializadora da mãe, sistematicamente preocupada em reverter o ciclo de reprodução da história familiar ao qual ela se julga aprisionada.

Já há três gerações, a família de Anelize é praticante de uma vertente do budismo crítica do caráter contemplativo geralmente associado a essa confissão, pregando, ao contrário, a transformação ativa do mundo através da disseminação da educação e da cultura no sentido da construção da paz e da tolerância entre os povos¹. Aliás, esse impulso à transformação ativa do mundo e das pessoas torna-se explícita através do termo que o garoto e sua mãe utilizam para se referirem a essa comunidade religiosa: ambos se referem a ela a partir do termo “organização”, a revelar, inequivocamente, o sentido do exercício de ação deliberada e organizada sobre o mundo, pretendido por essa experiência religiosa.

A incorporação deste ethos religioso pela mãe revela-se sob a forma de um impulso a práticas culturais, principalmente a leitura, e ao alto investimento no jogo escolar. Um trecho longo da entrevista com Eraldo ilustra essa profunda afinidade eletiva entre o ethos religioso e a valorização da escola:

Minha mãe sempre me incentivou muito a ler, até mesmo por causa da organização, que eles tão sempre te colocando pra frente, eles sempre tão te dizendo “não, você tem que se atrelar ao mundo, você tem que ter cuidados com seus estudos” Porque é meio uma irmandade, todo mundo avança junto, né? Sempre pra frente... e a educação é a única forma que proporciona isso, né?

[pesquisador] E o que você gostava de ler? Tinha a ver com a organização ou não?

Então, minha mãe, até hoje, assina a “Revista 10!”, que é uma revista da organização pro público infantil, que passava algumas orientações do nosso mestre e através disso eu fui me desenvolvendo bastante, mas fora

¹ Essa vertente do budismo é representada pela associação *Soka Gakkai Internacional*. Criada em 1930, essa vertente apresenta-se como o produto do encontro entre o educador Tsunessaburo Makiguti, crítico da rigidez do sistema educacional japonês do início do século XX, e a Filosofia Humanista do Budismo de Nitiren Daishonin (BSGI, 2014).

da organização, eu sempre gostei de ler Turma da Mônica e alguns mangás que eu ganhava do pessoal oriental que a gente conhece até hoje.

Tendo morado até os 18 anos com a mãe, Eraldo incorporou, de fato, fortes disposições ao alto investimento escolar.

Por meio das redes de relações com pares de idade na “organização”, Eraldo foi aconselhado a prestar o exame vestibular para uma ETEC². Aos 14 anos de idade na época, ele descobriu um cursinho gratuito voltado à preparação para este “vestibulinho”. O garoto ingressou então neste cursinho, observando, ao longo dos três meses da iniciativa, todos os demais inscritos desistirem, um a um, dessas aulas e, provavelmente, do próprio vestibulinho. Nas últimas semanas do curso preparatório, ele tinha aulas particulares com os professores da iniciativa em virtude da desistência dos demais inscritos.

A extraordinária persistência que o singularizou na referida iniciativa foi compensada por sua aprovação em primeiro lugar na seleção para a ETEC pretendida.

Enquanto ainda cursava o último ano de seu ensino médio, Eraldo inscreveu-se em dois cursinhos pré-vestibulares gratuitos, frequentando a escola pelas manhãs, um dos pré-vestibulares à noite e o outro aos sábados.

Ao final do ano, ele obteve aprovação no curso de Filosofia na USP e na UNIFESP e no curso de tecnólogo em construção civil na FATEC. Apesar de seu interesse por Filosofia, o garoto decidiu-se pela FATEC, uma vez que enxergava melhores possibilidades de emprego a partir desta formação.

Já os irmãos de Eraldo, Vitor e Carina, assumiram trajetórias bem distintas desta trajetória notoriamente marcada pelo alto investimento escolar. Anelize afirma que Carina era, até o momento da entrevista, sua “maior decepção”, uma vez que a garota de 20 anos não estudava, nem trabalhava, já estando casada e com um filho.

² ETECs são instituições de ensino mantidas pelo Estado de São Paulo e coordenadas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula de Souza que oferecem o currículo do ensino médio associado à formação técnica em diversas áreas. O ingresso em uma ETEC é mediado por exames seletivos e, de acordo com os dados analisados por Perosa, Kerches e Lebaron (*no prelo*), das 50 escolas públicas de São Paulo com melhor desempenho médio no ENEM, 43 são ETECs.

Recordemos que G. Desplanques (1981) demonstra que a posição de primogênito tende a beneficiar seus detentores independentemente do gênero, fato que não se mostra operante, no entanto, para o caso de Carina. Ao ter sua custódia confiada à avó, ela foi exposta a uma dinâmica de socialização consideravelmente distinta daquela a que seu irmão Eraldo foi submetido, fato que aparentemente anulou o possível privilégio da primogenitura a favor da garota³.

A apreciação de Anelize sobre seu filho Vitor é, no entanto, radicalmente distinta de seu incômodo com a trajetória de Carina. Embora ela afirme que o garoto, assim como Carina, nunca teve “gosto” pela escola, torna-se claro o fato de que a mãe admira sobremaneira a inclinação deste filho ao trabalho. Sobre Vitor, a mãe relata:

Agora acabou o contrato de trabalho dele [de Vitor], ele falou que não tem problema, logo mais ele trabalha... Ele trabalha bem e arranja trabalho em qualquer lugar! Ele chega lá com aquela carinha dele, falando todo educado... [risos] O Vitor nunca ficou parado... Desde os 12 anos... Ele começou lá num lava-rápido, né, Eraldo? [o primogênito confirma a informação] (...) O Vitor nunca teve gosto pra estudar... [risos] Mas ele tem o dom pra trabalhar e pra fazer dinheiro!

Vitor também foi submetido à incorporação do mesmo *ethos* religioso de Eraldo e Anelize, porém — ao morar com a avó durante consideráveis períodos de sua infância, permanecendo, portanto, exposto a um princípio de socialização diferente daquele que Anelize inculcara em Eraldo — o apelo moral daquele *ethos* veio a lhe predispor para ao investimento no trabalho e não na escola.

Aliás, a própria avó parece ter contribuído para essa predisposição do garoto ao maior investimento no trabalho. Uma das netas da avó, prima de Eraldo e Vitor, ingressou em um programa de estágios em empresas para estudantes do ensino médio. A avó tomou conhecimento do fato e inscreveu Vitor no programa sem comunicá-lo. Anelize aprovou de imediato a iniciativa.

Ele foi aprovado no teste seletivo, porém, quando seu histórico escolar foi avaliado, a ONG responsável pelo programa ameaçou não lhe conceder o estágio em

³ Infelizmente, não foi possível entrevista-la, não obstante, seria possível suscitar a hipótese, contrária aos achados de Desplanques, de que o gênero pode ter exercido algum efeito de modulação sobre esta anulação, uma vez que é conhecido na bibliografia internacional o fato de que a maternidade afigura-se às garotas das camadas populares como uma forma de construir um sentimento de respeitabilidade social, fora do sistema de ensino e do mundo do trabalho, através do exercício do papel de mãe (Rosegrant, 1985).

virtude de suas constantes ausências e notas baixas na escola. Anelize então foi à ONG e como relata, aos risos, “implorou” para que dessem uma chance ao filho.

Os responsáveis pela seleção assentiram e, uma vez que a manutenção do estágio era condicionada à manutenção de boas notas e frequência às aulas, a experiência no programa foi capaz de alterar a relação de Vitor com a escola. A mãe esclarece que o garoto passou a fazer, ao menos, o necessário para manter o estágio, tendo sido elogiado, ao fim do programa, pelos responsáveis da ONG por ter sido, segundo afirma a orgulhosa mãe, “o melhor aprendiz dos últimos três anos”.

No caso de Vítor, é possível observar que a instituição escolar identificou e expressou, a partir da interação entre seus representantes oficiais e Anelize, a baixa predisposição ao investimento escolar do garoto através de vereditos institucionais pouco favoráveis a ele: de fato, uma de suas professoras participou da seleção para o programa de estágios e resistiu à indicação de Vítor em virtude de seu baixo interesse pela escola.

Os vereditos escolares sobre os filhos tendem a ser profundamente interiorizados pelos pais e influenciam decisivamente a classificação familiar sobre as diferentes “personalidades” e “padrões de comportamento” associadas aos filhos. Assim, sob o efeito desses vereditos escolares, os pais passam, implícita ou explicitamente, a alimentar diferentes expectativas quanto às trajetórias escolares e as possibilidades de inserção no mundo do trabalho de seus filhos.

Essas diferentes expectativas motivam as posturas diferenciais que os pais adotam em relação aos irmãos que passam, ao longo de seu amadurecimento social, a ser progressivamente concebidos como “diferentes” pelos próprios pais.

Tais expectativas diferentes sobre os irmãos adquirem a potencialidade de uma verdadeira “profecia autorrealizável”. Pois, a manifestação regular dessas diferentes expectativas – ora de forma implícita, ora de forma explícita – pela autoridade parental, instaura-se como um princípio inquestionado de realidade aos filhos. Desse modo, as crianças tendem a reforçar os padrões de comportamento que foram motivadas, como vimos, pelas expectativas incorporadas ou reforçadas em seus pais pelo efeito do veredito escolar.

Daí, a predisposição de Vitor a se lançar no mundo do trabalho desde os 12 anos de idade, algo reforçado pelas próprias atitudes da família em relação a ele através, por exemplo, de sua inserção no programa de estágios mediada pela avó e pela mãe. De sua parte, Vitor incorpora essa classificação familiar que lhe coloca como predisposto ao trabalho, realiza o mínimo na escola para manter o estágio, cumpre fielmente com as obrigações laborais do mesmo e termina sendo elogiado pelos responsáveis pelo programa e respeitado pela família como um filho que, segundo os termos de Anelize, “trabalha bem”.

Em suma, podemos dizer que os filhos expostos a princípios de socialização distintos entre si, reforçados pela exposição a diferentes vereditos escolares, encontram e consolidam suas identidades em diferentes padrões de comportamento (dentro do mesmo grupo familiar) tendendo futuramente a assumir trajetórias educacionais e ocupacionais distintas entre si.

Trajetórias escolares e de inserção no mundo do trabalho também são traduzidas, no universo juvenil, por estilos de vida, posturas quanto ao consumo, à apresentação de si e à identidade assumida nas interações com os pares de idade, principalmente no que se refere à questão extremamente relevante das reputações que eles são capazes de construir nas redes de sociabilidade juvenil e no mercado afetivo e sexual, em relação ao qual ensaiam seus primeiros movimentos.

Na entrevista, Eraldo descreveu seu irmão mais novo como um “moleque zica”. Desconhecendo a gíria, pedi que ele me esclarecesse sobre seu significado. Eis sua resposta:

Moleque zica é aquele que tá nos quites pras novinhas, né? Ele trabalha, né? E todo salário dele vai naquilo, pra se autopromover, pra se mostrar e ele [seu irmão mais novo] é a síntese de todos os meninos de lá [de seu bairro]... Tanto que por ele, ele não estudava, ele só estuda porque o programa [o “Jovem Aprendiz”] obriga ele a estudar... Os namorados das minhas primas também, eles terminaram o EM, mas eles não querem mais nada, essa é a ideologia desses caras: “eu vou ter pra isso, pra domingo à noite desfilar minha motinha lá...” Tanto que meu irmão já tá na segunda moto dele, tem 16 anos, mais novo que eu! [risos]

Investido em seus estudos, Eraldo certamente preocupa-se menos com roupas e com a apresentação de si do que seu irmão. Em geral, ele comparecia ao cursinho vestido de forma bem sóbria: calças jeans e camisetas, muitas vezes, sem qualquer estampa. Como ele relata, algumas meninas de seu bairro já observaram que ele é bem diferente do irmão. Segundo Eraldo, elas lhe disseram certa vez: “olha aí, seu irmão todo gatinho ali e você aqui com livro na mão!”.

Assim, Eraldo parece atrair e se sentir atraído por um perfil de garotas distinto daquele que constitui o perfil preferido do irmão. Ao falar de sua última namorada, que ele conheceu através das redes de sociabilidade suscitadas pelo budismo, ele desenha um contraste radical entre essa garota e as meninas que admiram seu irmão, mais sensíveis, em geral, ao consumismo ostentatório:

[risos] Olha, é... Quando eu comecei a namorar, eu namorei uma menina que era da “organização” também, ela era mais tolerável [do que as meninas de seu bairro], ela sabia das minhas condições e tudo... Mas quando eu podia, eu levava ela pro cinema e tudo, pra deixar a coisa mais dinâmica. (...) como ela [sua ex-namorada] era bem consciente também, era do budismo, ela não me exigia nada, mas outras meninas que eu já saí, eu só não prossegui com elas porque era meio demais: [imitando de forma galhofeira uma voz de garota] “Por que o outro tem ali e você não tem?” Porque o meu irmão é meio moleque zica, né? Então, elas falavam ‘olha aí, seu irmão todo gatinho ali e você aqui com livro na mão!’

A desforra do irmão estudioso, de gostos espartanos, que denuncia a ostentação consumista como irresponsabilidade dos jovens do bairro e menos inclinado ao gozo imediato do presente porque orientado à preparação de seu futuro através do acúmulo contínuo de credenciais escolares, dá-se no desempenho consciente do papel de vigilante moral do irmão mais novo, em resposta direta às desconfianças e preocupações maternas.

Quando Vitor começou a comprar motos e passear com elas no bairro, a mãe logo aventou a possibilidade do garoto estar se envolvendo com drogas. Ciente das preocupações da mãe, Eraldo me conta, sem disfarçar seu orgulho, que exerceu seu papel de irmão mais velho e responsável, conduzindo uma investigação no bairro para se certificar de que Vitor não andasse metido com atividades ilegais. Segundo Eraldo,

ele não estava envolvido com nada que pudesse preocupá-los, tranquilizando então sua mãe.

Com relação ao futuro, Vitor não cogita realizar o ensino superior. Na verdade, o garoto pretende realizar um curso de mecânica e abrir sua própria oficina.

Irene e seus filhos: Augusto e Carlos

Abordemos agora o caso de Irene, 56 anos, e seus filhos Augusto, 18 anos, e Carlos, 16.

Irene é a única mulher entre quatro irmãos, tendo passado sua infância e juventude na cidade de Aparecida, interior de São Paulo, morando com os pais (pai motorista e mãe dona de casa), os irmãos e a constante presença de uma avó, que ela descreve como a “matriarca” da família.

A avó desempenhava um papel econômico central na unidade familiar, uma vez que era dona de uma banca de artigos religiosos que lucrava com as tradicionais peregrinações católicas à cidade. Na condição de única neta mulher, Irene era, como ela me relata na entrevista, nitidamente mimada pela avó: “eu era a ‘filhinha da vovó’! [risos]”.

Estas relações afetivas preferenciais entre avó e neta constituem-se como uma instância de mediação entre as condições objetivas da unidade familiar e a experiência subjetiva de Irene que lhe proporciona, mesmo no contexto de uma família pertencente às camadas populares (pai motorista), uma experiência social próxima à experiência de indivíduos de classe média em múltiplos aspectos.

Pois ao nos reconstituir sua trajetória, Irene revela que começou a trabalhar “tarde” em comparação com as pessoas que conhecia na sua juventude (após os 20 anos de idade apenas), passando por uma sucessão de empregos que abandonava rapidamente, ingressou em uma faculdade particular em Taubaté, deixando-a, entretanto, para se dedicar a um curso de teatro, embora esta inclinação à dramaturgia também tenha sido um “fogo de palha”, uma vez que ela rapidamente desistiria do teatro.

Embora não se arrependa dessa trajetória juvenil experienciada de maneira leve e divertida, Irene atribui hoje o fato de se localizar atualmente em uma posição administrativa de baixo escalão (em um hospital público) as suas irresponsabilidades juvenis, principalmente o abandono do curso superior, apoiadas pelo carinho e pela carteira da avó.

Como Irene afirma, somente a morte da avó, aos seus 26 anos de idade, levou-a a “cuidar de sua própria vida”. E ela decidiu fazê-lo na cidade de São Paulo, tendo sido a única entre os quatro irmãos que se mudou para a capital.

Em São Paulo, ela trabalhou no comércio e, posteriormente, atuou como secretária, tendo então realizado um curso técnico em secretariado.

Irene casou-se com o pai⁴ dos garotos aos 34 anos de idade. Assim, ela veio a ter seu primogênito, Augusto, aos 38 anos de idade.

Ao se ver mãe, ela afirma, de forma bem humorada, ter refletido sobre sua personalidade “porra louca” e se esforçado, junto ao marido, para controlar esse seu traço de “personalidade” e para oferecer uma educação exigente ao garoto que lhe fizesse interiorizar um senso de responsabilidade maior do que ela, quando jovem, teve ao ser mimada pela avó.

A missão parece ter sido extremamente bem cumprida: o garoto é sério, responsável e altamente comprometido com os estudos.

A interiorização de um ethos orientado ao conformismo ante as modestas condições de vida da família e ao alto investimento nos estudos para a melhora dessas condições parece se encontrar na raiz de sua profunda adesão normativa à escola. Nada pode ilustrar melhor este fato do que as palavras que ele me confiou em um dado momento da entrevista:

Eu era um menino que nunca tive muito e eles [seus pais] fizeram eu me conformar com... pouco. Eles não deixaram eu criar uma coisa mimada de ser... [eles fizeram com] que eu conseguisse viver feliz com pouco. Eles conseguiram isso e eu acho interessante a pessoa crescer com uma certa

⁴ Com ensino médio completo, o pai trabalhava no ramo da publicidade, embora Irene não tenha especificado em qual cargo ou posição. Posteriormente, ele ingressou em uma posição administrativa de baixo escalão no mesmo hospital público que Irene através do mesmo concurso.

humildade, não pra me sentir envergonhado com a situação que a gente vivia, mas sim pra viver feliz do jeito simples, da maneira que a gente vivia, mas sempre me orientando pra eu estudar, pra eu fazer o certo. Na educação dos meus filhos, eu quero [em tom enfático] isso: orientar pra eles irem sempre pelo lado certo.

A incorporação deste ethos ocorreu através da inculcação de claras regras de autocontrole que tornaram possível a Augusto desempenhar o papel de “bom aluno” nas escolas públicas pelas quais passou, prescindindo do controle disciplinar por parte dos professores e sem sucumbir às eventuais posturas indisciplinadas do grupo de pares. Tanto Irene quanto Augusto afirmam que ele jamais teve qualquer problema disciplinar ou de desempenho escolar. Ao contrário, a mãe cansou-se de ouvir elogios ao comportamento do filho na escola. Segundo relata com orgulho, um dos professores do filho chegou a afirmar que gostaria de ter uma sala de aula “somente de Augustos”, algo que, como veremos, era sensivelmente distinto daquilo que os mesmos professores afirmavam sobre Carlos, o irmão mais novo de Augusto.

Quanto a Carlos, Irene afirma, sempre bem humorada, que ela e o ex-marido “relaxaram” durante sua educação, não se sentindo tão premidos como o foram na ocasião de nascimento do primogênito. Ademais, alguns anos após o nascimento do caçula, o casal se divorciou, sendo que o pai desenvolveu um grande apego pelo filho mais novo que, comumente, vai dormir em sua casa devido ao fato de que, segundo Irene, o pai gosta de mimar o caçula.

Esta narrativa de Irene sobre as diferenças na criação dos filhos coaduna-se fielmente ao argumento que Kellerhals e Montandon (1991) desenvolvem como hipótese explicativa para o privilégio dos primogênitos. Os autores suíços identificam, em sua amostra, o fato de que os pais costumam ser mais rigorosos e exigentes para com seus primogênitos, fato que poderia predispor-los a uma maior adesão normativa às exigências da instituição escolar e, por consequência, a trajetórias escolares e ocupacionais mais bem sucedidas.

Não obstante, a segunda parte da narrativa de Irene revela-nos que o divórcio dos pais parece ter engendrado uma dinâmica diferencial de socialização entre os irmãos, sendo que o caçula tornou-se mais próximo e “mimado” pelo pai: condição que

a mãe também alinha como explicação para as posturas diferenciais dos filhos ante a escola.

Ademais, novamente podemos observar aqui, assim como havia ocorrido no caso de Eraldo e Vitor, que o veredito escolar também assumiu um papel decisivo para a consolidação de identidades diferentes entre os irmãos aos olhos de seus pais. Os garotos estudaram na mesma escola pública e tiveram os mesmos professores, cujos “diagnósticos” sobre os garotos diferiam em alta medida como a mãe nos relata:

Eu nunca tive um professor do Augusto que não me dissesse que gostaria de ter uma sala só de Augustos! Então, dois anos depois, quando o Carlos foi pra mesma escola... Carlos, um anjo de candura! [risos] Então, quando ele [Carlos] chega [na escola], os professores falam: ‘você não é irmão do Augusto!’ Porque ele até lembra o Augusto fisicamente, mas é o oposto. ‘Não acredito que este menino seja irmão do Augusto!’ [imitando e se divertindo com o tom espantado dos professores].

Nas interações entre a família e a escola, esses vereditos escolares são transmitidos aos pais pelos agentes oficiais da instituição escolar, ou seja, em geral, os professores ou coordenadores da escola. Escorados na legitimidade social detida pela instituição para conhecer e lidar com crianças e adolescentes, esses vereditos afetam sobremaneira a imagem que os pais constroem sobre seus filhos. A representação que os professores expressam sobre seus filhos influenciam – ou, ao menos, reforçam – a classificação parental das expectativas diferenciais acerca das prováveis trajetórias educacionais e padrões de inserção no mundo do trabalho que alimentam com relação aos seus filhos.

Como afirmei no caso de Eraldo e Vitor, sendo manifestas regularmente pela autoridade parental, estas expectativas convertem-se em um princípio de realidade a operar como uma profecia autorrealizável: de fato, os filhos tendem a se reconhecer nessas expectativas e a se mover a partir delas.

Neste quadro, não é de se estranhar que Carlos, exposto a um processo de socialização mais “relaxado” do que o irmão e objeto de um veredito escolar que lhe era pouco favorável, tenha surpreendido seus pais ao afirmar, com 13 anos de idade, que gostaria de começar a trabalhar.

Reparemos que esta foi aproximadamente a mesma idade a partir da qual Vitor ingressou no mundo do trabalho (12 anos). Contudo, provavelmente em virtude da situação mais privilegiada da família de Irene em comparação à família de Anelize, Irene e seu ex-marido seguraram o ímpeto do garoto, afirmando que ele teria que esperar os 16 anos de idade.

Assim, quando Carlos completou os 16 anos, soube por intermédio de uma professora na escola sobre vagas no mesmo programa de estágios em que Vitor ingressara. Todo o processo foi profundamente semelhante àquele descrito no caso de Vitor. A professora mencionada fazia parte da seleção do programa e, inicialmente, resistiu à indicação de Carlos devido ao seu baixo interesse na escola. O garoto então implorou à professora por uma chance até o momento em que ela assentiu.

Algo absolutamente distinto tomou lugar com relação ao seu irmão mais velho, como delineamos anteriormente. Aos 18 anos, Augusto ainda não teve nenhuma experiência de trabalho. Ao ingressar em seu curso na FATEC, um colega de classe lhe informou sobre a possibilidade de um estágio. Augusto foi se aconselhar junto à mãe, porém, quando Irene inteirou-se de que o salário era de apenas 600 reais e exigia um longo deslocamento pela cidade, ela lhe disse para não aceitar a oferta, afirmando que “se necessário, eu arranjo mais uns três empregos pra você continuar nos estudos”.

Na oposição entre os irmãos Augusto e Carlos, novamente a trajetória educacional e os diferentes padrões de inserção no mundo do trabalho desdobram-se em diferentes estilos de vida, modos de apresentação de si, identidades e redes de sociabilidade juvenis constituídas pelos irmãos.

A própria mãe percebe e elabora essas diferenças afirmando:

O Carlos é mais do ‘oba-oba’, toda hora no Whatsapp, no Facebook... E vaidoso... Como é vaidoso esse menino! [risos] Toda hora é ‘ah, mamãe preciso comprar uma calça’ [imitando ironicamente o ar dramático atribuído à relação do filho mais novo com suas roupas] Já o Augusto... eu é que tenho que convencer ele a comprar roupa! (...) Ele fica ‘p’ da vida comigo porque eu fico falando pra ele ‘ih, vai trocar essa blusa, ela tá com um furo’!

Na ocasião em que realizei a entrevista com Irene, em seu escritório de trabalho, lá também estava presente a namorada de Augusto (Máriele, 17 anos), muito próxima e

amiga de sua sogra. A este momento da entrevista, ela entrevistou afirmando que, quando havia começado a namorar com Augusto, o garoto tinha, nas palavras da garota, “uma certa inveja” do irmão, criticando muitas das atitudes dele. Hoje, contudo, segundo a garota, este comportamento havia diminuído sensivelmente.

Assim como o episódio em que Eraldo pôs-se como ‘detetive’ da vida moral do irmão mais novo, Augusto também parece constituir sua identidade ante a suposta ‘irresponsabilidade’ do irmão mais novo em um possível mecanismo de sublimação da relativa inveja que ele parece sentir do irmão. Assim, a mãe nos afirma que ele costuma cobrar mais “foco” e “concentração” de seu irmão mais novo.

Quanto aos lazeres e à rede de sociabilidade juvenil em que Augusto está inserido, o garoto não possui, ao contrário do irmão mais novo, a menor inclinação à vaidade ou ao consumismo. Seus lazeres são extremamente frugais, limitando-se ao futebol, ao videogame e, como me conta em sua entrevista, a “sair com minha namorada pra tomar sorvete ou ficar enfiado na casa dela!”.

A experiência de Carlos como estagiário do programa em um banco o conduziu, por enquanto, ao desejo de permanecer no setor bancário porque, segundo ele, “bancário tem muito dinheiro”. Para tanto, o garoto sabe que terá que cursar o ensino superior, embora, ao contrário do irmão⁵, ele não manifeste a ambição de ingressar em instituições prestigiadas e ainda não tenha se decidido claramente sobre qual graduação gostaria de cursar.

Conclusão

A despeito da relevância apontada pela literatura ao privilégio da primogenitura, vimos que este fator não pode ser essencializado como condição universalmente válida. Se determinadas referências dessa literatura (Laurens, 1992; Romanelli, 2003) afirmam que a mobilidade ascendente de grupos familiares pertencentes às camadas populares pode reverter esse privilégio em favor dos caçulas, a análise dos casos aqui desenvolvida contribui para este debate evidenciando a existência de outros fatores

⁵ Augusto pretende combinar seu curso de tecnólogo ao ingresso no curso de engenharia de alguma universidade pública do estado de São Paulo.

intervenientes que podem operar na manutenção ou na anulação dos privilégios associados à posição na fratria.

No primeiro caso, vimos que a custódia de irmãos por diferentes membros da família estendida pode engendrar dinâmicas diferenciais de socialização destes irmãos que se refletem em desigualdades nas trajetórias educacionais entre os mesmos, sendo tais desigualdades imprevistas pelo princípio explicativo oferecido pela análise da posição do filho na ordem da fratria.

No segundo caso, embora o privilégio da primogenitura é claramente operante nas diferenças entre as trajetórias de Augusto e Carlos, coadunando-se, inclusive, com a hipótese explicativa sustentada por Kellerhals e Montandon (1991), vimos que o divórcio dos pais pôde engendrar dinâmicas de socialização diferenciais entre os irmãos que parecem ter ampliado o privilégio em favor do primogênito.

Outra contribuição que o texto buscou prestar ao debate origina-se da análise sobre a interação entre os vereditos escolares e as expectativas diferenciais dos pais com relação aos seus filhos que, escoradas na legitimidade social da instituição escolar, tendem a operar enquanto “profecias autorrealizáveis”, reforçando a adoção de diferentes padrões de comportamento pelos irmãos.

Por fim, o texto também demonstrou que as diferenças de trajetórias no seio da fratria desdobram-se em diferentes formas de estilização da experiência juvenil, a simbolizar os níveis desiguais de investimento dos irmãos no sistema de ensino e no mundo do trabalho, isto é, na acumulação de capital cultural e econômico.

Referências

BSGI Quem somos: Histórico. Disponível em: <http://www.bsgi.org.br/quemsomos/>
Acesso em: 23 de julho de 2014.

Becker, H. **Tricks of the trade** Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

Desplanques, G. La chance d’être aîné. **Economie et Statistique**, INSEE, n.137, p.53-56, 1981.

Gloria, D.M.A Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas das fratrias **Paidéia**, n.15,v.30, 2005.

_____ Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias **Tese de doutorado** Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

Kellerhals, J. & Montandon, C. **Les strategies éducatives des familles**. Paris: Delachaux et Niestle, 1991.

Jarousse, J. P & Duru-Bellat, M. (1996). Le masculin et le féminin dans les modèles éducatifs des parents. **Économie et Statistique**, 293, 77-93.

Lahire, B. **Sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Laurens, J.-P. **1 sur 500: la réussite scolaire en milieu populaire**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

Perosa, G.; Kercher, ; Lebaron F. O espaço das desigualdades educativas em São Paulo **no prelo**.

Romanelli, G. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. *In*: N. Zago, M. P. de Carvalho, & R. A. T. Vilela, (Orgs.), **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação** (p. 245-264). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Rosegrant, J. Choosing Children **Tese de doutorado**, Harvard College, 1985.

Terrail, J.-P. Parents, filles et garçons, face à l'enjeu scolaire. **Éducation et Formations**, n. 30, p. 3-11, 1992.

